



A FOTOGRAFIA COMO OBJETO MATERIAL NA CONSTRUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DA APAE DE GETÚLIO VARGAS PELOS ALUNOS DEFICIENTES

Ingrid Pelissari Kravos¹

Resumo

O seguinte artigo retrata o trabalho realizado em uma oficina realizada na APAE de Getúlio Vargas – RS, esta que foi realizada com os alunos deficientes intelectuais que se prontificaram de participar da mesma. Durante a oficina foi organizado o acervo fotográfico da entidade, catalogação e selecionado algumas fotografias para uma exposição, que será realizada no mês de outubro, para a comunidade, famílias, funcionários e voluntários da entidade. Tal oficina buscou construir de maneira concreta e significativa a historiografia da APAE, com os alunos deficientes intelectuais, de maneira e que os fez sujeitos do processo. Levando em conta, sua desfuncionabilidade cognitiva comparado a crianças e jovens da mesma idade. O artigo se organiza em três etapas, a primeira de revisão literária sobre o tema a ser tratado, a segunda sobre a descrição da oficina, e a terceira, sobre os resultados obtidos com a realização da oficina.

Palavras chave: fotografia, APAE, deficientes e história.

Abstract

The following article describes the work carried out in a workshop held at APAE in Getúlio Vargas - RS, which was carried out with the students with intellectual disabilities who were willing to attend. During the workshop was organized the photographic collection of the entity, cataloging and selected some photographs for an exhibition, which will be held in October, for the community, families, employees and volunteers of the entity. This workshop sought to construct in a concrete and meaningful way the historiography of the APAE, with the students deficient intellectuals, in a way that made them subjects of the process. Taking into account its cognitive impairment compared to children and young people of the same age. The article is organized in three stages, the first one of literary revision on the topic to be treated, the second on the description of the workshop, and the third on the results obtained with the workshop. obtained with the workshop, for the students involved and for the entity.

Keywords: *photography, APAE, handicapped and history.*

¹ Formada em Pedagogia, Especialista em Educação Especial e Acadêmica do Curso de Mestrado em História pela Universidade de Passo Fundo.



INTRODUÇÃO

Para o educador, construir junto aos seus alunos um conhecimento concreto, significativo, que faça dos próprios alunos sujeitos deste processo é um desafio. Trazer este mesmo enlace para uma realidade de alunos com deficiência intelectual, e teorizar uma historiografia, torna-se um tanto mais audacioso. Pensando nesta proposta foi realizada uma oficina realizada na APAE de Getúlio Vargas. A oficina se constituiu de seis encontros semanais e/ou quinzenais com alunos que se disponibilizaram em participar da mesma, totalizando o número de doze crianças, jovens e adultos, e foi a partir desta oficina que se constitui o presente artigo.

O objetivo da prática foi realizar uma oficina de organização e seleção do material cultural (fotografias) presente na APAE de Getúlio Vargas, junto aos alunos deficientes intelectuais, para que incorporassem como conhecimento a historiografia da entidade, e ainda a partir da seleção promover uma exposição das fotos a comunidade, as famílias, funcionários e voluntários da APAE.

Teve-se como problemática central o desafio de construir de maneira concreta a historiografia da APAE com os alunos, de maneira significativa e que os fizessem sujeitos do processo. Levando em conta, sua desfuncionabilidade cognitiva comparado a crianças e jovens da mesma idade. Propondo entender junto deles como se constitui a história da APAE, quais caminhos a entidade percorreu para se configurar como é hoje, quais foram os episódios mais marcantes desta caminhada, e assim produzir junto aos alunos um saber significativo e concreto.

O movimento apaeano, organização que une desde as APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), a Federação Nacional, as Federações Estaduais das APAEs e as Delegacias Regionais das APAEs. A APAE é “um a entidade civil, filantrópica, de carácter cultural, assistencial e educacional, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, que tem foro e sede no município onde estiver situada” (PROJETO ÁGUIA, 1998, p. 10).



A Federação Nacional fornece informações e orientações de todas as esferas de trabalho das instituições, e permissão para o uso do nome APAE, sendo necessária a adesão ao estatuto e a submissão e a supervisão. A função da Federação é de unir todas ações e de atuação do movimento no país, buscando elaborar estratégias de ação unificadas à nível nacional e se responsabilizando pelas “Articulações políticas no tocante à defesa de direitos da pessoa portadora de deficiência, desenvolvendo gestões junto ao Ministério Público Federal e outros órgãos estaduais” (PROJETO ÁGUA, 1998, p.16). As Delegacias Regionais das APAEs são responsáveis pela articulação dentro das microrregiões de cada estado, de programas de ações das APAEs junto à comunidade. Periodicamente, são escolhidas as APAEs que terão a responsabilidade de assumir na sua sede os encargos como Delegadas da sua microrregião. E as APAEs, são aquelas que atende diretamente as pessoas com deficiência e suas famílias, previamente orientadas pela Federação Nacional.

O Movimento apaeano, tem sua origem em 11 de dezembro de 1954, com a criação da primeira APAE brasileira, na cidade do Rio de Janeiro. A entidade foi criada por um casal norte-americano, que tinha uma filha com Síndrome de Down, e uma ampla experiência na organização de associações de pais de deficientes nos Estados Unidos

O Almirante Henry Broadbent Hoyer e Dona Beatrice reuniram vários pais, mestres técnicos na Embaixada Americana, em junho de 1954, quando foi exibido um filme sobre crianças com deficiência mental, tal ação que se desdobrou em várias reuniões preparatórias e na nomeação de uma Comissão Coordenadora Provisória para o movimento. Compunham essa comissão Maria Helena Correia de Araújo, Renato Silveira, Helena Dias Carneiro, Ivone Cintra Ferreira, Idália Parreiras Rodrigues Lima, Ercília Braga Carvalho, Acyr Guimarães Fonseca e Antônio Carlos de Carvalho. A primeira diretoria, presidia pelo próprio Almirante Henry Broadbent Hoyer, dirigiu a APAE até 31 de março de 1965, sucedido por uma diretoria presidida pela Sra. Ignêz Féliz Pacheco de Britto, uma aniga dos excepcionais que a instituição teve durante 30 anos, de 1965 a 1995, quando afastou-se por motivos de saúde. (APAR RJ, 2004)



Em 1962, é criada a Federação Nacional das APAEs e em 1968 ela é transferida do Rio de Janeiro para Brasília, com o intuito de facilitar as articulações junto ao poder público federal

Em 1968, com o apoio do Exército Brasileiro, a Sede da Federação Nacional das APAEs foi transferida para Brasília-DF. Por tratar-se de instância Nacional do movimento Apaeano, o então presidente da Federação Nacional das APAEs, Cel. José Cândido Maes Borba, entendeu que a mesma deveria estar localizada na Capital do Brasil, visando, assim, facilitar as relações e interações com órgãos públicos e segmentos sociais em âmbito nacional (FEDERAÇÃO, 2001, p.24)

As APAEs possuem três esferas de serviços, a Assistência Social, a Saúde e a Educação, e atendem bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos, com Deficiência Intelectual e/ou Múltipla,

Art. 2º Considera-se pessoas com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e afetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

Como apresentado a cima o conceito de deficiente adotado no Brasil, pela Lei 13.146, a que estabelece o Estatuto da Pessoa com Deficiência. De acordo com o Censo IBGE 2010, o Brasil tem 45.606.048 de pessoas com deficiência, o que equivale a 23,9% da população do País. Sendo que 18,60% foram declaradas pessoas com deficiência visual, 7% com deficiência motora, 5,10% com deficiência auditiva e 1,40% com deficiência intelectual. E a pessoa diagnosticada como Deficiente Intelectual se enquadra no QI igual ou abaixo de 70, como exemplifica Moreira, 2011



O quociente médio de inteligência é 100 e aceita-se como desvio-padrão dessa média o valor 15. O funcionamento intelectual significativamente inferior à média, é definido com um QI de 70 ou abaixo, em resultados obtidos da realização de um teste individual de QI. Em função da severidade, a OMS (1968) recomenda a subclassificação do Retardo Mental (RM) em: Leve: QI 70 – 50; Moderado: QI 50 – 35; Severo: QI 35 – 20; Profundo: QI abaixo de 20.

Dentro deste conceito de entidade, que abrange uma atuação a nível nacional, e de aluno deficiente que a mesma atende, foi-se planejada o projeto da oficina de fotografias, para problematizar e contextualizar esta oficina o referente artigo será organizado em algumas etapas para dinamizar a sua explanação, que serão, a fotografia como um campo de memória e bem simbólico e material, a fotografia enquanto recurso didático, a descrição da oficina realizada, e por fim as conclusões relativas aos assuntos tratados anteriormente.

Cabe ainda acrescentar que o nome e identidade dos alunos será preservada.

A MEMÓRIA E A FOTOGRAFIA

A Histórica como cita Barros a definição de Bloch que foi proposta por meados do século XX, “a História é o estudo do homem no tempo”, rompendo com paradigmas de que a história estuda o homem no passado, sendo ela que estuda as “transformações humanas (ou permanências) que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo, mais longo ou mais curto” (BARROS, 2005).

A história é universal, é de todos, e se dedica a desmistificação dos fatos do passado, para tanto faz uso de inúmeros recursos, como documentação, material cultural, artefatos arqueológicos, e da memória. Esta que possui um caráter interpretativo, no qual o historiador necessita fazer escolhas e recortes (visto que documentos e arquivos também são interrogados em relação ao presente do historiador, em decorrências das perguntas que se fazem necessários, ao contexto do mesmo, e



automaticamente necessitam de recortes).

Catrogra, citado por Tedesco (2011), nos apresenta a história como filha da memória, entendido que a narração provinda da memória, foi a primeira maneira de se fazer história, em tempos sem a escrita, ou que a mesma era muito restrita, a história não era perdida no seu toda, era ensinada por meio das narrações históricas, que reconstroem a memória. A história por meio da memória, possui a possibilidade de permitir socializar ideias, comportamentos, tradições.

O estudo da memória, é um fenômeno atual, de modo especial no Brasil, vem se desenvolvendo desde os anos sessenta, principalmente na área acadêmica e em alguns museus, depois ela passou a ser desenvolvida nos anos setenta por meio do da Fundação Getúlio Vargas (CEPDOC), conforme explica Sônia Maria de Freitas no documentário Narrativa histórica e memória oral, desenvolvido pelo curso de Pedagogia da Unesp/Univesp, na disciplina de conteúdos e Didática da História. O CEPDOC, com inspiração em práticas dos Estados Unidos e da Europa, iniciou em 1975 um programa de história oral, como conta Verena Alberti, coordenadora de documentação da fundação, sendo hoje uma das grandes referencia de pesquisas na área, no Brasil.

O estudo da memória, remete a um acontecimento de interpretação pessoal, ou de um grupo. A memória pode ser revivida por inúmeros fins, para saber sobre uma vivencia pessoal, em instancia de um acontecimento histórico, para passar conhecimentos a gerações mais novas, acontecimentos históricos, familiares e pessoais. A memória de um grupo, a memória coletiva, faz uso dos rituais, dos guardiões da memória, que garantem a reprodução e temporalidade, para manter-se viva, refrescando o tempo da memória dos seus sujeitos, e evidenciar o sentimento de pertencimentos dos indivíduos do grupo.

A memória, trás junto consigo uma bagagem de sentimentos e emoções, ao ser relembrados momentos e situações, que muitas vezes, querem ser esquecidas, e por se tratar de algo tão delicado, que se mostra um campo de escolhas, escolha dos indivíduos envolvidos, e do pesquisador, que faz seus recortes, e interpretações, de algo tão plural, que não se reduz apenas a oralidade, mas sim expressões faciais e corporais, silêncios,



palavras ditas e não ditas. Visto que é essa dinâmica que tempos, presenças, ausências, dão contextualização e interpretação a história projetada e problematiza o tempo, o espaço e as experiências.

A memória evoca as representações e os imaginários, e no nosso contexto há o reforço que é ocasionado pelas fotografias, os bens simbólicos. A memória e os imaginários estão interligados por elementos centrais, principalmente de identificação como a cultura, a etnicidade, símbolos, valores, crenças comuns, mitos, ritos... A memória e o imaginário se completam, e se necessitam, notando que o imaginário é formado por um conjunto de representações, que envolvem imagens que estão contidas na memória.

O imaginário é uma expressão mental de um campo de representações que se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade, observado que estas representações se materializam em símbolos, rituais de reprodução, com identidades sociais e grupais, se identificando a si mesmo dentro de um grupo, e aos outros. Esta constituição de identidade apresenta ser um dos papéis do imaginário, automaticamente interligado à memória coletiva.

A fotografia está inserida no campo das imagens, estas que capturam um pequeno fragmento de algum momento de vida, um fragmento selecionado, dentro das vivências, dos imaginários e das representações, das produções e idealizações daquele que o captura, sendo assim mais uma ausência, na qual são selecionadas algumas presenças para justificar a maioria das ausências.

A fotografia, enquanto elemento de análise do campo do imaginário, permite uma variedade constante de interpretações, em cada olhar, em cada intenção, uma análise diferenciada, e é neste viés que Canabarro, 2005, aborda a imagem como um discurso, uma poética, uma ilustração, um vestígio, uma narrativa, uma representação e uma lembrança, que pode colocar em discussão um apanhar histórico, e pode sem sombra de dúvidas condicionar a opinião pública, e ainda servir de base ou ponto de partida para pesquisas, não apenas como mera ilustração, ainda de acordo com o autor citado neste parágrafo, não se deve reduzir as possibilidades de conhecimento que a



imagem pode trazer ou proporcionar.

Inserir-se no campo do imaginário social por meio de identificações, de situações, de valores, de rituais de formas de sociabilidade, mentalidades de grupos (Bourdieu, 1972). A fotografia pode auxiliar na ligação social, sendo porta de entrada no reconhecimento das representações, das ligações que unem os sujeitos.

Com o avanço das novas tecnologias, o registro de imagens se tornou algo comum e corriqueiro, temos a possibilidade de registrar muitos momentos e ver muitos momentos de outras pessoas, principalmente por meio das redes sociais, no qual pares e grupos compartilham fotografias entre si para ilustrarem suas vivências diárias, e momentos considerados especiais e significativos, assim a fotografia continua servindo do seu valor simbólico ao agregar sentimentos, importâncias, esquecimentos e imagens do passado para o futuro, como documentos, porém de formas diferenciadas, com o passar dos dias.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

A proposta da oficina de fotografia na APAE de Getúlio Vargas, com o cunho de construção historiográfica da mesma pelos alunos, apresenta um forte viés pedagógico em virtude de ser realizada com os alunos da Escola Especial da APAE.

Visto que a intencionalidade educativa e/ou pedagógica provém dos objetivos educacionais buscados por meio de ações educativas. “Em outras palavras, são as mudanças esperadas como consequência da ação educativa nas pessoas e grupos sociais.” (VEIGA (org.) p.40). Desta maneira os objetivos na educação, organizam-se em três níveis, nível empírico, nível racional e nível teórico.

Os objetivos do nível empírico articulam-se a vida cotidiana, dos acontecimentos, das experiências, a intenção educativa é transpor desafios do dia-a-dia. Já no nível racional, corresponde a conhecimentos científicos, ultrapassando a esfera individual, aperfeiçoando as relações sócias. O nível teórico, é o marco da radicalidade, no qual se relaciona-se todos os pontos, visto que a intenção educativa, expressa-se no campo teórico, de globalidade, corresponde à uma visão mais ampla, indo a fundo nas



problemáticas educacionais, postulando mudanças estruturais que visem a emancipação do homem. É importante lembrar que os objetivos mais amplos não excluem os restritos, pelo contrário, os incluem. Em virtude que as três instâncias são de suma importância na ação educativa, não podendo as hierarquiza-las, sua distinção é apenas de referência de abrangência.

Os nossos objetivos se enquadram no campo dos abrangentes, atribuindo características aos três aspectos antecedentes, no nível empírico por se tratar de aspectos que se vinculam com aspectos da vida cotidiana dos sujeitos, registro deles próprias nas fotografias, atividades ainda desenvolvidas na entidade, indivíduos que tiveram e ainda possuem vínculos com os alunos, e a história da entidade que lhe fornece suporte pedagógico, assistencial e de saúde, a APAE. No fator científico, observamos a construção de tal historiografia em quanto conhecimento registrado e catalogado. E no nível teórico relacionamos os dois pontos anteriores e vamos além com a proposta de unir o cotidiano dos alunos, ao conhecimentos produzido na oficina, de maneira que tal conhecimento se entrelace com a história de vida de cada, levando em conta que possuem grande ligação com a entidade, alguns desde da primeira infância até a vida adulta.

E com as formas e práticas de interação que há a sistematização destes objetivos. A partir do final do século XX, principalmente no final dos anos 70, ocorre uma grande mudança nestas formas e práticas, na Didática,

Essa nova abordagem pauta-se na concepção de homem concreto, síntese de múltiplas determinações, sujeito histórico, situado num contexto sociocultural, que se afirma na ação-reflexão-ação [...] A educação é processo histórico, global e dialético de compreensão da realidade, tendo em vista a sua transformação. A escola é um espaço onde se desenvolve um processo de ação-reflexão-ação comprometido com ações transformadoras. Dessa perspectiva, a ênfase do processo desloca-se para a práxis social e a questão central está na relação dialética da *compreensão-transformação*. (grifo autor, VEIGA 2006, org., p. 93)



A proposta didática elencada para a oficina foi a Sistematização Coletiva do Conhecimento, da perspectiva de Martins, subdividida em quatro grandes campos de atuação. Primeiro da *caracterização e problematização as prática social*, ao que diz respeito, ao social comum ao professor e aluno. *Explicação da prática*, no qual se responde a pergunta “por que ensinar isso?”, com mediação teórica. *Compreensão da prática*, a totalidade. E por quarto, *elaboração de propostas de intervenção na prática*, tendo em vista a transformação do sujeito. Este caminho metodológico é percorrido por meio de instâncias operacionais, tais como plenárias, grupos diversos, exposições, sistematização dos conhecimentos.

Podemos elencar ainda, que nesta proposta a interação entre professor e aluno, ou ainda o oficineiro e o aluno, se dá por meios da mediação, o oficineiro atua como mediador entre o saber sistemático, e a prática social de ambos.

O aluno é considerado um ser histórico, sujeito do processo, portador de uma prática social a ser problematizada e sistematizada coletivamente. Assim, o centro do processo não está nem no professor [...] nem no aluno [...] nem no planejamento. O processo desloca-se para a *práxis social* de ambos. (grifo autor, VEIGA, 2006, org., p. 95)

É nesta troca de experiências sociais, que se constituiu o conhecimento articulado, no qual tanto os alunos, quanto o professor, ao finalizarem tal etapa, se mostram com uma bagagem social, cultural e acadêmica muito maior do que quando entrou.

A OFICINA

A oficina citada anteriormente foi realizada na APAE de Getúlio Vargas, esta surgiu da necessidade da organização das fotos, o material cultural referente a entidade. As fotos estavam todas em uma grande caixa com muito material, como fotos três por quatro, filmes revelados, diferentes envelopes, diferentes álbuns fotográficos. E como era um querer da gestão organizá-las, e produzir uma exposição às famílias, a comunidade, aos profissionais e aos voluntários da entidade, deu-se origem a oficina.

A oficina teve como objetivo inicial a promoção desta exposição, mas ao ser planejada e teorizada observou-se que poder-se-ia ir muito além. Objetivou-se então



uma oficina de organização e seleção do material cultural (fotografias), junto aos alunos deficientes intelectuais, tornando-os sujeitos deste processo, para que incorporasse como conhecimento a historiografia da entidade, e a partir da análise das fotografias, realizar então uma seleção para promover uma exposição das fotos a comunidade, as famílias, funcionários e voluntários da APAE.

Primeiramente foi realizado um diálogo em todas as turmas, do turno da manhã, sobre a oficina, sobre a proposta e os objetivos da mesma, no turno da manhã, há três turmas do Ciclo do Ensino Fundamental, uma da Educação de Jovens e Adultos (Ensino Fundamental) e uma de Projetos Pedagógicos Específicos.

O Ciclo do Ensino Fundamental compreende crianças de seis à catorze anos, a Educação de Jovens e Adultos e os Projetos Pedagógicos Específicos jovens a partir de quinze anos. Destas cinco turmas, houve doze alunos que se ofereceram para participar da oficina.

Então junto a uma das funcionárias mais antigas da entidade, foi-se previamente separadas as fotos por anos. Algumas fotos possuíam datas, outras fotos revelavam suas indicações, como fotos de olimpíadas, na qual alunos seguravam faixas sobre a cidade e ano no qual estavam, para algumas foram concluídos a data de acordo com outras fotografias que se reportavam ao mesmo ano, ou por elementos de lembrança pessoal da professora, que estava auxiliando na tarefa da seleção.

Com uma quantia muito significativa das fotografias identificadas, partimos para a oficina propriamente dita, foi-se realizado seis encontros, no qual cada um durou certa de uma hora, levando em conta, o cotidiano da escola, e a tolerância dos alunos. Cabe ainda, que não foram em todos os momentos que todos os doze alunos estavam presentes para a oficina, vista que por vezes alguns não estavam presentes na aula, ou estavam em atendimento individual com algum profissional da entidade, ou ainda participando de alguma oficina da escola, como música, teatro, educação física ...

Com este grupo de alunos que se ofereceram espontaneamente para a participação da oficina, se iniciou a mesma. Inicialmente foi explicada a proposta da oficina para elaboração da exposição fotografia na festa da família, de se compreender como foi a história da entidade, da qual todos fazem parte e são sujeitos históricos. Em uma grande sala, as fotografias foram separadas pela data, e espalhadas no chão, para facilitar o manuseio dos estudantes, desta maneira partimos olhando as fotografias, e com pequenas fichas os mesmos iam marcando as fotografias que mais lhe chamaram



atenção. Durante este processo inicial pode-se perceber muitos sentimentos, principalmente dos alunos mais velhos, no qual se identificavam nas fotos, reconheciam professores, antigos colegas, colegas que já faleceram, momentos de grandes alegrias e conquistas junto a entidade.

Foi nesta etapa que surgiram expressões como tal: “Olha eu aqui! Bem pequeninha” (risos, aluna A). “Aqui eu não estou, essas fotos são de anos mais antigos” (aluna B). “O (nome do ex-aluno) que morreu afogado” (aluna A, com expressão entristecida, alguns colegas se aproximam e compartilham do mesmo sentimento). “Nossa! O (nome do aluno), foi viajar pro Rio de Janeiro! Pras olimpíadas!” (com espanto, aluna C).

Na terceira etapa do processo, as fotografias foram organizadas dentro de envelopes com identificação, foram reformados antigos álbuns, para ser preservada a forma de registro e organização dos mesmos, que demonstram muito sobre a valorização da foto, em tempos que a mesma não era de usual uso como no momento.

Em seguida, foi realizada uma nova seleção dentre as fotografias selecionais, visto que muitas fotos de um mesmo fato foram selecionadas, como a ida ao zoológico de Sapucaia do Sul, em 1979, muitas fotos dos animais foram marcadas.

Quinta etapa: organização final das fotos escolhidas para a exposição que será organizada para o mês de outubro, junto a Festa da Família realizada pela entidade.

Sexta etapa: elaboração de historiografia da entidade, enquanto conhecimento por meio da sequência temporal das fotos e conversas.

Sétima etapa: análise da exposição fotográfica. Para ser exposta de maneira simples e eficiente as fotografias foram fixadas em cartazes de papel pardo, com identificação de ano e atividade que fotografia apresenta. Então junto aos alunos com os cartazes organizados, foi-se reforçado a historiografia da entidade.

INTERPRETAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou de maneira sucinta o planejamento, a execução e desfecho final de uma oficina de material cultural – fotografias, realizada na APAE de Getúlio Vargas, com doze alunos com deficiência intelectual, os quais frequentam a entidade no turno da manhã e se dispuseram livremente a participar da oficina.

O objetivo da oficina foi a organização e seleção do material cultural (fotografias) da APAE de Getúlio Vargas, fazendo dos alunos deficientes intelectuais,



sujeitos do processo, para que incorporassem como conhecimento a historiografia da entidade, e ainda a partir da seleção promover uma exposição das fotografias a comunidade, as famílias, funcionários e voluntários da APAE.

Tendo como problemática central a construção da historiografia da APAE com os alunos, de maneira significativa e que os fizessem agentes desta aprendizagem. Propondo entender junto a eles como se constitui a história da APAE, quais caminhos a entidade traçou para se configurar como é hoje, quais foram os capítulos mais marcantes desta caminhada, e assim foi realizada a oficina.

Foi-se observado que as fotografias do acervo da entidade são fragmentadas, no intuito que não possuem uma linearidade, e há muitas sem identificação, deixando assim várias lacunas, não respondendo a todas as perguntas, em vários momentos da oficina nos deparamos com muitos anos sem registros fotográficos, e fotografias sem identificação, sem datas, que ninguém, apriori, sabe o que estava acontecendo, apenas hipóteses. Estimularam sua memória, e se banharam de emoções, cada momento que um aluno se observava nos registros *“Olha eu aqui! Bem pequeninha, de rosa (apontando na foto para mostrar para seus colegas)”*, ou em algum momento cheio de sentimento, como em momentos de recordação de colegas já falecidos, ou em inclusive de reconhecer os professores em momentos que ainda não os “conheciam”, identificação de atividades tradicionais da entidade, como participação de eventos organizados por outras APAES, e pelas Federações, visto que os bens simbólicos lembrados, guardados, eternizados e narrados possuem uma dimensão afetiva muito mais do que seu carácter objetal .

Neste processo de apropriação deste conhecimento histórico, cultural, epistêmico e social do seu meio, mostraram-se contextos que ressaltamos como, a constatação que a entidade teve início em outro local, e neste período o número de alunos e profissionais era bem reduzido. Que a nova estrutura da escola, foi se modificando e se ampliando gradativamente ao longo dos anos. Que a escola já teve diferentes alunos, como alunos com deficiência auditiva. Evoluções sociais, ex-alunos que se tornaram funcionários, mudança de cargos de diferentes funcionários, mudança de estrutura física. A mudança



do estilo de vestimentas, nos de cortes de cabelo de alunos, professores e funcionários. Que os alunos da APAE possuem a oportunidade de viajar com escola, para passeios, Festivais, Olimpíadas, Congressos. Que algumas atividades são tradicionais, como a festa de Páscoa e Natal, a programação da Semana do Deficiente. Que os instrumentos e recursos técnicos, que a resolução das fotos mudou muito, que há fotos reveladas, fotos impressas em papel A4, que são tiradas muitas fotos atualmente, mas não estão nem impressas e nem reveladas, e sim salvas em computadores.

Ao fim da oficina proporcionada na APAE de Getúlio Vargas, pude perceber não apenas a apropriação da historiografia da entidade pelos alunos, de maneira clara, significativa, que os fez sujeitos deste processo, e sim que tais momentos possibilitaram a ampliação de sentimentos de pertencimento e de ligação social dos alunos, entre eles, com os funcionários, e com a entidade. Atitudes de zelo, respeito, e busca de melhorias, esforço individual (“*Quero participar da próxima Olimpíada, vou começar a treinar!*”) mostram isso no seu dia-a-dia na entidade. Foi muito significativo para todos, especialmente para mim!



REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência. 2015

BARROS, José de D'Assunção. *História, região e espacialidade*. Revista de História Regional 10(1), 2005.

BOURDIEU, P. *La fotografia*. Uso e funzioni sociali di um'arte media. Rimini: Guaraldi, 1972.

CANABARRO. I. *Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações*. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXXI, n.2, p. 23-39, dez. 2005.

DOCUMENTÁRIO, *Narrativa histórica e memória oral*. Pedagogia Unesp/Univesp, 2012. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=nxf0rUQSkJk>>, acesso 26 out. 2017.

MARTINS, P.L.O. *Didática teórica/Didática prática: Para além do confronto*. São Paulo: Loyola, 1989.

MOREIRA, L. M. A., *Deficiência Intelectual: conceitos e causas*. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 35-41. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-06.pdf>> acesso 08 de set. 2017.

PROJETO ÁGUIA. *Manual de Atribuições e Funcionamento*. Brasília, DF, 1988.

TEDESCO, J. C. *Passado e Presente em interfaces: introdução a uma análise sócio-histórica da memória*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

VEIGA, I. P. A. (org.) *Formação e Trabalho*. Campinas, SP: Papirus, 2006. Coleção Magistério.



I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA
NÚCLEO DE PRÉ-HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA - NUPHA
LABORATÓRIO DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA - LACUMA

26, 27 e 28 de setembro

Organização:

 **UPF**
Universidade
de Passo Fundo

 **PPGH**
Programa de Pós-Graduação em História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

 **NUPHA**
Núcleo de Pré-História e Arqueologia
UPF | IFCH

Apoio:

 